

# Europa não reconhece a escravidão como crime

*Projeto de texto final só quer que se encare assim a escravidão atual, não a passada*

JOSE MARIA MAYRINK

Enviado especial

**D**URBAN – O bloco dos países europeus apresentou um projeto alternativo em resposta às exigências do Grupo Africano, que insiste na admissão, pelos antigos colonizadores, de que o colonialismo e a escravidão foram crimes contra a humanidade. A consequência desse reconhecimento seria o pedido de perdão e o pagamento de reparações. “Está difícil um consenso para a redação dos documentos finais da Conferência Mundial contra o Racismo”, informou o embaixador Gilberto Saboia, chefe da delegação do Brasil e coordenador do grupo de trabalho que estuda a questão da reparação.

O diplomata previa que sua equipe avançaria pela madrugada de ontem no debate, para amanhecer a sexta-feira com um acordo. Iniciada há oito dias, a reunião promovida pela ONU em Durban encerra-se hoje à noite.

A questão do passado é o ponto crítico na discussão entre os países da União Européia e os africanos. Os europeus reconhecem os erros e os males do colonialismo e do tráfico de escravos, mas não querem classificá-los como crimes contra a humanidade. Em sua proposta alternativa, admitem apenas esses atos, que seriam considerados assim, se fossem cometidos nos dias de hoje.

Os seis itens da proposta europeia:

1 – Reconhecimento de que a escravidão, o tráfico de escravos e o apartheid foram causas



Manifestantes tentam entrar no Centro Internacional de Convenções de Durban, onde se realiza a Conferência Contra o Racismo

e manifestações de racismo – e que os africanos, descendentes de africanos, descendentes de asiáticos e os povos indígenas foram e continuam vítimas de suas consequências.

2 – Recordar esses erros do passado, condenando-os e falando a verdade sobre eles, contribui para a reconciliação internacional e para criação de uma comunidade mundial baseada na justiça, na igualdade e na solidariedade.

3 – Deve-se admitir e lamentar o sofrimento de milhões de homens, mulheres e crianças, e fazer um apelo para que os Estados reverenciem a memória das vítimas das tragédias do passado.

4 – Admite-se o sofrimento causado pelo colonialismo e afirma-se que ele deve ser condenado e que se tomem medidas para que não se repita.

5 – Reconhece-se que as formas passadas e presentes de colonialismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância são ameaças sérias para a segurança, dignidade humana, garantia dos direitos humanos e para as liberdades fundamentais em todo o mundo, especialmente para os africanos e afrodescendentes.

6 – A obrigação de lembrar, lamentar e condenar esses erros tornará possível construir o futuro sobre sólidos fundamentos e evitar a repetição dos erros do passado.

A palavra reparação não aparece em nenhum momento, mas a proposta da União Européia sugere que os países ricos – no caso, os antigos colonizadores, como Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Espanha e Portugal – comprometam-se a contribuir para a promoção da dignidade humana e

para o desenvolvimento das regiões mais pobres.

Com relação ao Oriente Médio, os países árabes rejeitaram ontem o segundo texto proposto pela África do Sul. O documento buscava reduzir a discrepância entre a pretensão árabe de que a conferência condene as práticas israelenses e a negativa da União Européia de permitir que se tome partido no conflito. A proposta reconhece o genocídio judeu e condena por igual o anti-semitismo e o antiislamismo. “Não podemos aceitar como está, mas estamos dispostos a trabalhar”, disse Nasse al Kidwa, que preside as negociações em nome da Liga Árabe. (Com AP)

**REUNIÃO  
DE DURBAN  
TERMINA  
HOJE**